

COMUNICAÇÃO E SEMIOTICA PARA PEIRCE: APLICAÇÃO INTRODUTÓRIA À LEITURA DA REPRESENTAÇÃO ARQUITETÔNICA

MANTOVANI, Cristhian.¹
CASAGRANDE, Tatiana Gabriela.²
PEDROSO, Sharon Passini.³
SIMONI, Taiña Lopes.⁴

RESUMO

Na concepção do idealizador projetual, o arquitetural e sua graficação, cria relações entre construtor, idealizador e cliente, considera separadamente a intenção de construção e representação e a execução especializada de tarefas. Busca, portanto, na semiótica aspectos de linguagem, conceituais, interpretação e representação, na interpretação e no desenvolvimento arquitetônico, para que haja a compreensão da aplicação de signos junto ao desenvolvimento projetual. Hoje, existe uma dinâmica na concepção projetista com uma maior complexidade nos seus produtos no mercado de trabalho. Então, na apreciação do desenvolvimento de concepção, comunicação e montagem da obra são aplicados os estudos das análises da semiótica, percebida como modelo técnico, símbolo com diversos significados, cultural-histórico e objeto estético.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica, Peirce, Projeto Arquitetônico, Signos, Processo projetual.

1. INTRODUÇÃO

Vive-se em uma realidade a volta sem se dar conta dos procedimentos que o cérebro humano utiliza para compreender os fenômenos cotidianos. Assim, unificação que se permeia a vida em si através da comunicação faz parte desses procedimentos tão naturais, que sua ação se incorpora aos fazeres mais espontâneos, sem a devida mentalização. Mas, quando se recorre à Semiótica, a Teoria Geral dos Signos, estruturada por Charles Sanders Peirce, para entender esses processos, depara-se com uma avalanche de nomenclaturas e explicações científicas capazes de levar a mente à exaustão. Acredita-se que o percurso poderá ajudar a compreender um pouco mais a

¹Acadêmico do curso de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário FAG, Cristhian Mantovani. E-mail: criisthian.m@hotmail.com

²Acadêmica do curso de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário FAG, Tatiana Gabriela Casagrande. E-mail: tatiana_casagrande@hotmail.com

³Acadêmica do curso de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário FAG, Sharon Passini Pedroso. E-mail: shapassini@gmail.com

⁴Docente do curso de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário FAG, Taiña Lopes Simoni. E-mail: tai_lopes@hotmail.com

Semiótica, bem como a perceber a influência do desenvolvimento desses novos métodos para estudo e entendimento dos fenômenos da Comunicação contemporânea. Assim, nos perguntamos quais o método segundo Peirce que melhoram os aspectos de apresentação de projetos arquitetônicos na atualidade? Através dos métodos de produção gráfica, utilização de signos, composição de cores e uma harmonia de segmentação projetual (onde o projeto segue uma linha de fácil raciocínio), tem-se a melhor compreensão dos fenômenos interpretativos no contexto da arquitetura e do desing.

2. Projetualidade como atividade

A Revolução Industrial (séc. XVIII) caracteriza-se pela ampla mudança social se diferenciando das evoluções tecnológicas à qual é frequentemente associada, no que altera a configuração profissional em utilidade dela. A elaboração de projetos começa a ser executada por designers e arquitetos, enquanto os operários e máquinas foram incumbidos de executar produtos e obras sob supervisão de engenheiros. Isso, na arquitetura, significou a ruptura dos mestres-artesãos que incumbia ao dever de todo o procedimento de construção a um único indivíduo.

Percebe-se então que a partir deste momento a composição arquitetônica é fragmentada e controlada de diversos métodos que no produto final se integram formando o que antes era o domínio de uma visão. Segundo Vitruvius (2007, p.61) O arquiteto como ciência é completo por muitos conhecimentos e vários métodos disciplinares, estando disposto a executar uma infinidade de obras mesmo sendo relacionadas com outras artes ou não. Esta execução se dá através da prática e pela preparação contemplada na continuidade e exercitada de experiência. A qual por fim, se finaliza manualmente a partir da matéria, seja ela de estilos distintos ou de pretendente execução.

A teoria é por si só tudo aquilo que se pode demonstrar e explicar proporcionalmente ao engenho e à racionalidade.

Neste período, crescia a separação de tarefas, com uma divisão de funções necessitada de especialização, inclusive nas fases de concepção e execução. Sendo que, estas dependeram muito pouco de novas tecnologias e máquinas do que se imagina e sim do trabalho braçal. Focando assim, a mudança na organização do trabalho, distribuição e produção, em suma, mudanças de maior ordem social distinguindo-se da tecnológica.

Notava-se na Renascença a diferenciação entre os campos projetuais e a execução da obra em si, antecipada parcialmente a realidade pós-industrial. Segundo BENEVOLO (1989, p.29) Quando o projetista toma para si todo o processo de decisão, deixando aos outros apenas a realização e execução, o arquiteto toma partido da parte artística e o interlocutor a parte de técnicas para construção. Assim a competência se torna dualista e dividindo então funções.

Marcado pelo movimento modernista, o contexto de mudanças provocou a segregação das atividades distintas e diversificadas com profissões, alterando significativamente a estrutura das cidades relacionadas a sociedade e transformando-a completamente, sendo assim, considerava passível de mudança. Dando então, a configuração para um novo método de organizar e conceber o projeto arquitetônico.

Percebe-se na atualidade dos tempos que nos eventos e exposições arquitetônicas expandiu-se em abrangência e volume a apresentação destas atividades. Devido as consequências modernistas influentes na visualidade profissional identificada como problema, sem definir uma congruência coerente e clara no que tange a arquitetura atual.

2.1 A relação da Semiótica e Peirce

O conceito dado para a semiótica Peirce é entendido como a teoria do sentido, o qual busca entender e estudar como é possível compreendermos os objetos, como nos comunicamos com os outros e como construímos nossas ideias. Como as elaborações de Peirce, são muito diversificadas e abrangem todo o tipo de conteúdo, cada conceito e neologismo criado é para a contribuição de um formato teórico, que por sua vez, resulta em uma análise para cada um dos termos com o objetivo de compreendê-los melhor.

Não foi em vão que Peirce nunca finalizou sua obra, porém, seria improdutivo decorrer sobre cada aspecto e cada desdobramento sobre a sua formulação da teoria do sentido, de modo que iremos ressaltar em sintetizar o que julgamos vital para nossa síntese.

Enquanto a semiologia de Saussure e Hjelmslev dizia que a teoria do sentido deveria ser estudada pela semiologia de forma pura, ou seja, sem “contaminações” de outras áreas como Filosofia e Sociologia, a semiótica de Peirce acolhe as demais áreas do conhecimento, e a teoria do sentido só pode ser atribuído em um propósito maior, sendo assim, ele considerou a investigação à semiótica para o seu próprio definição de psique, e estudou também as atividades humanas.

Quando se trata de psique, aborda a palavra grega “*psyche*” que significa o “princípio da vida nos seres vivos”, a “*psíquica*” então, seria a ciência que estuda as manifestações mentais, tais como os produtos da mente, que por sua vez, significa “*semiose*” ou método de criação de interpretação e definição.

Para Peirce, a semiose é um pronunciamento sobre a tendência humana em investigar a verdade, como uma atividade possível para permitir o acesso entre o estado de insatisfação para satisfação, sendo esta o motor de nossas ações. A procura pela verdade se dá por meio da lógica, no decorrer de dois tipos de pensamento: a “*logica utens*”, que remete a linha de pensamento do senso comum, a qual permite a satisfação das necessidades básicas do ser humano por uma observação não-crítica e pela intuição; e a “*logica docens*” é a lógica ensinada, constitui uma metodologia desenvolvida e justificada na busca pela verdade.

A formulação da conceitualização da teoria do sentido é indissociável da ideia de signo. Fazendo ressaltar o modelo de construção do signo peirciano, que não se limita ao ser humano, já que um signo para é aquilo que, sob certo aspecto, representa alguma coisa para um indivíduo.

2.2 Conceitualização dos aspectos

Dá-se como denominação da arquitetura: espaço do conhecimento interligada à junção dos espaços com os objetos arquitetônicos e os seres humanos. Decorre-se do desenvolvimento ideológico representado na graficação projetual a implicação de atividades, expressadas de forma material na intervenção a ser construída.

A arquitetura considerava na época de lançamento do exemplar de Vitruvius que descrevia as disciplinas e conhecimentos compositores da ciência em arquitetura:

- A técnica de se colocar em ordem - ordenação;
- A forma de distribuir as coisas - disposição;
- A importância de ambientes harmônicos - harmonia;
- A execução com conveniente equilíbrio – comensurabilidade;
- Aquilo que fica bem – decoro;
- A técnica de administração e organização – distribuição;

Na antiguidade, foram escritos Os Volumes do Tratado de Vitruvius, e hoje tornaram-se a influência principal na iniciação e concepção das ideias estéticas e conceituais arquitetônicas relacionadas a época Renascentista.

Ao que se refere a obras de pequeno porte e comuns, que necessitam de pouca inventividade, os profissionais podem comparecer de maneira equivalente. Pois em sua área de formação, no que tange ao desenvolvimento, aprimoram os conhecimentos estruturais e funcionais. Na projetualidade de obras de grande porte, com uma vasta complexidade, requerem supervisão e soluções especializadas, determinam como consequência de extrema importância a multidisciplinariedade de trabalho, sendo também interdisciplinar e transdisciplinar com a viabilidade de empregadores de distintos espaços de conhecimento.

Em meados do século XV, Alberti definiu: ‘o que é que permite ser um arquiteto. Chamarei de Arquiteto àquele que souber, por meio de correta e maravilhosa Arte e Método, com o Pensamento e a Invenção conceber e, com a Execução, levar a cabo todas aquelas obras que [...] com grande Beleza, podem acomodar-se aos usos dos homens. (1965, citado em NESBITT, 2008, p. 18).

Antes mesmo das mudanças ocasionadas pelo modo industrial de produção e capitalista, no passado, as áreas de interesse, que relacionavam construção e projeto, originaram-se da similaridade de atividades, desenvolvidas por um profissional específico, que juntava em si as habilidades previstas. No mundo atual e moderno, tornou-se obrigatória a separação e o maior conhecimento das tarefas, levando à divisão da Arquitetura e da Engenharia. Com isso, percebe-se na atualidade que estas ciências e suas técnicas estruturam-se de formas diferentes, distanciando-se conforme a ampliação e complexidade dos objetos de estudo.

Define-se a arquitetura pela espacialidade, sem a qual não existe. Determina-se o seu caráter arquitetônico pelo espaço e diferencia essa de outras atividades artísticas. Porém, há a proposta de uma quarta dimensão, além das três comumente conhecidas: altura, largura e profundidade, vivenciada por todos os que ocupam o espaço. Assim, arquitetura é como uma grande escultura escavada, em cujo interior o homem penetra e caminha” (ZEVI, 2002, p. 17).

Argan (2004, p. 80) contempla que “o espaço interno é o espaço que se põe ou se cria ou se encaixa na forma e somente nela encontra a sua expressão e a sua medida”. Ou seja, ainda na fase

projetual, a espacialidade do interior é visualizada pelo arquiteto, mesmo antes da concretização da obra, afirmando assim a concepção de Argan, que afirma o método de definir o espaço e de espaçar como processo principal da arquitetura.

Do ponto de vista estético, dois aspectos dos novos métodos trabalhistas são os mais preocupantes: A empregabilidade de elementos pré-fabricados, que comprometem a liberdade do artista e a dissociação da obra como canteiro, alterando a interação entre partido inicial e executabilidade, privando o projetista de algo sensível e controlável.

A cultura industrial, além da divisão do trabalho consolida e propõe a aplicação de peças pré-fabricadas facilitando a execução de uma diversidade de composições, dando foco principal a construção das obras arquitetônicas. Porém, pode-se dificultar os aspectos artísticos e funcionais da projetualidade, que em seu princípio comum desenvolvia métodos particulares para cada problema, e agora reproduz em série obras e soluções. Também passa a definir o projeto como um produto autônomo e de fácil encargo de possibilidade a um terceiro. O que deveria acontecer de maneira competente, mesmo independente da presença do autor inicial do projeto.

2.3 A linguagem

A sociedade humana desenvolveu e produziu as obras arquitetônicas e por isso são integrantes de um sistema de linguagem mundial, de modo que, apresentam caráter diverso relativo ao período documentado e superfície geográfica localizada, tendo o objetivo para a finalidade que foi construído. Estes são referência de no modo de expressão e de linguagem.

É fundamental que desperte os aspectos dos sentidos e emoções para ser entendido e concebido como simbologia ou signo. Em comunicação ou nota, fazendo menção ao procedimento da dialética, essa é a filosofia da semiótica. Em contrapartida, “linguagem” é um termo da classe gramatical definida como substantivo feminino, que significa modo de comunicação e de expressão através da fala, formas, sinais, marcas e signos.

Desta maneira, a arquitetura expressa através da representação da obra, o que é apresentada como linguagem da semiótica, entendida como base do desenvolvimento da imagem e estilo de criar uma escrita projetual em forma de códigos, entendida pelos profissionais da área.

Assim sendo, não é suficiente a linguagem arquitetônica ser compreendida já que a natureza do caráter dado e a totalidade dos registros históricos vão além da simples prática e da comunicação, pois além do caráter determinado pela época, os espaços continuam a serem usados por tempo ilimitado após a sua conclusão. (GIEDION, 2004).

Segundo NEUFERT (2005, p.25), tem-se o desenho como a linguagem do arquiteto que se comunica as características projetuais, utilizando a geometria como representação, para especialistas, ou a graficação representada por perspectivas ou croquis, para interpretação de leigos. Assim, o desenho arquitetônico não é um fim em si, e sim é um meio de representação da obra projetada.

Difícilmente uma obra arquitetônica provem somente do arquiteto, desde que ele normalmente atende a diversas tipologias de clientes e usuários, ele deve planejar uma solução adequada para suprir as necessidades de seus clientes de maneira eficaz, independente que a funcionalidade de uso mude com o decorrer do tempo, a obra tem o dever de traduzir o objetivo idealizado que é de interesse imediato do cliente, porém, é de extrema importância que o projetista desenvolva o projeto pensando na obra no futuro, para garantir a existência prolongada de seu projeto, planejando a funcionalidade e durabilidade.

Não se reduz a arquitetura exclusivamente como uma questão de estilos e formas, e nem se determina como inteiramente em condições sociológicas e econômicas. Esta, tem vida própria, cresce ou define, encontra novas potencialidades e as esquece novamente. (GIEDION 2004)

A palavra “desenho” indica uma expressão que interpreta um objetivo pessoal ou específico, o que na arquitetura possui a função de representar um projeto formulado e desenvolvido com propósito de orientar e facilitar no momento da construção da edificação. E através do desenho, o arquiteto expressa e representa suas formas diversificadas no limite do imaginário e da realidade.

O valor artístico e sua qualidade para MALARD (2006, p.21) depende do próprio pensamento do artista e da relação de semelhança que ele estabelece com as coisas que o meio lhe oferece e não depende de habilidades propriamente ditas do artista, em manejo de técnicas e dos materiais que descreve o pensamento.

A manifestação do espaço construído é o principal responsável pelo comportamento de seus usuários, assim, a obra arquitetônica está relacionada com a mídia nas múltiplas informações como expressão e junção de estilos e para prever estas manifestações, o objeto de estudo é função do arquiteto. Segundo ALMEIDA (2001, p.13) as formas que da-se aos elementos tem o objetivo de significativa na ordenação, mediando a necessidade existencial com a expressão e a linguagem arquitetônica como comunicação. Entende-se então a residência da origem da composição como mediação.

Todavia, isto não se manifesta quando aplicado em um estudante de arquitetura, pois segundo MALARD (2006, p.12) este estudante encontra no desenvolvimento e formulação de um projeto a dificuldade de associar conceitualizações e formulações teóricas e a configuração espacial. Muitas vezes não há nenhuma conexão entre o que é descrito em palavras (memorial) e o que é transcrito pelo desenho (projeto).

2.4 Representação gráfica

Com a evolução tecnológica, apresentou várias vantagens para as profissões, principalmente com o desenvolvimento do avanço do aprimoramento de uma variedade de programas de computador. Na arquitetura o desenho técnico e perspectivas tiveram seus detalhes mais apresentados para o comercio, o que foi um requisito para o mercado profissional o entendimento em programas de computação gráfica. Na atualidade os trabalhos realizados nos canteiros de obra, durante a graduação é visto como função de engenharia, por ser um conhecimento construtivo. Mesmo que haja a ruptura entre as atividades em ambas as profissões, é retomado o interesse pelas técnicas construtivas pelos arquitetos, para conceber o projeto e na construção, como uma atividade complementar.

No ponto de vista geral, o conhecimento sobre o espaço ainda não é alcançado em projeto, por mais que os programas de computador estejam mais avançados, seu valor é alto também, como exemplo, as novas maquetes eletrônicas estão fora do alcance técnico e financeiro para a maioria do público em geral.

A iniciação da arquitetura para o mundo visual foi através do desenvolvimento de técnicas de representação gráfica e do modelo em três dimensões, neste momento, a arquitetura é uma

representação explicativa daquilo que poderá ser, e sua existência é efetivada no momento em que ela passa a ser uma edificação, ou seja, um objeto existente no mundo. (MALARD, 2006, p. 17).

A representação gráfica é o “desenho em perspectiva, para tornar compreensível aos olhos do cliente a intenção do arquiteto, e tem a intenção de aproximação com a realidade da obra que será construída” (NEUFERT, 2005, p. 26), ou seja, o desenho técnico é a reprodução do projeto para melhor compreensão do cliente em relação a futura construção, e a perspectiva é a exposição da edificação, onde é possível entender a forma em 3D.

A linguagem de uma obra arquitetônica e a representação gráfica é definida pelos signos de cada uma, que são detalhes que facilitam o entendimento da obra e da planta gráfica, assim sendo, ambas interagem em linguagem diferentes, porém, não existe uma sem a outra.

2.5 Interpretação Semiótica.

Inicia-se na mente do profissional (arquiteto ou designer) o processo projetivo, o qual será o intérprete de suas próprias ideologias. Em seguida, necessita-se a aplicação e domínio da expressão gráfica, para a representatividade projetual, além é claro do domínio da linguagem construtiva, pois as ideias em questão, representadas no projeto devem ser arquitetonicamente coesas e executáveis. Esta, é representada e orientada pela leitura do projeto gráfico final, representante da ideia do projetista. Estabelecendo assim a arquitetura dinâmica como interação semiótica, pois os profissionais devem dominar e fazer de fácil interpretação e interação as linguagens.

Mas em outro ponto de partida, a execução construtiva se dá através da leitura das pranchas gráficas que compõem o projeto em si, pois é desta forma que o profissional ao executar entra em contato com a vontade e idealização de quem a concebeu. Portanto, além de decodificar e interpretar o construtor terá de recodificar as ideias apresentadas, no desenvolvimento dos processos de construção da obra arquitetônica.

Existe uma diversidade de formas de codificação e decodificação de linguagens nos processos semióticos: linguagem gráfica e representativa, linguagem interna do pensamento, linguagem projetiva e a linguagem construtiva. Que são desenvolvidos em Semiótica, que “é a ciência dos signos, a ciência de investigação de todas as linguagens” (SANTAELLA, 1983).

Segundo BACK, (2008, p. 4) projetar, trata-se primeiramente a partir das ideias, com abstrações ao invés de números. É vital que se desenvolva e aplique a imaginação para visualizar de modo realístico, a futura concepção do produto a ser finalizado.

2.6 A interpretação de imagens arquitetônicas e a Teoria Semiótica

As percepções e sensações exaladas pelo desenho de parte de um objeto é a representação do signo, o qual aciona na mente a lembrança relacionada com alguma imagem ou objeto semelhante. Esta passa a ser indicada como referência do signo e a relação entre a associação ou relação percebida graficamente se dá por fim. Dando assim, ao interprete do símbolo a lembrança como uma proposição dinâmica.

Em seguida, a caracterização da sensação e associação pelo intérprete do desenho, apresenta-se a mente como um novo método representativo implicando à lembranças. Ou seja, a lembrança do material ausente, mas que interliga signos associados e até mesmo nome ou uma localização.

Tende então ao infinito este processo de semiose, a partir do momento em que se inicia, por que o objeto a ser observado em questão pode ser também associado a algo histórico, idealizando alguma vivência arquitetônica ou até mesmo de passeio, desenvolvendo o pensamento e o levando adiante. Compondo um interpretante através da formação do pensamento, com a tríade relacionando conjecturas e estabelecendo lembranças, buscando uma interpretação final, que nunca se concretiza definitivamente.

A proposição acima esclarece a interpretação como processo avaliativo ou perceptivo de um elemento (desenho), com base nos conceitos da semiótica. E ilustram o arquitetônico em designação projetual, desde o primórdio de conceito gráfico até a história componente da obra em si. O objeto nasce como pensamento, desenvolve-se como expressão e comunicação dada pelo desenho, se ergue como obra, atua como função buscando a superação como objeto funcional e permanece atuante como documento a ser histórico, objeto estético e outras definições dadas de acordo com a projetualidade e concepção do objeto como um todo.

Traz a responsabilidade das aparências arquitetônicas definidas pela organização possível ao arquiteto e sua concepção, juntamente com o uso e construção do espaço. Assim, “o ambiente

construído é, por si só, um sistema de comunicação, uma vez que através dele são veiculadas diversas manifestações do imaginário coletivo” (MALARD, 2006, p. 39).

2.7 Representação arquitetônica e a Semiótica

Esta pesquisa iniciou-se no período de curso da disciplina de Teoria da Arquitetura, buscando a relação dada por obra final e representação gráfica da mesma, como produto de fácil entendimento e interpretação, no processo de finalização e representatividade. Percebe-se então os desenhos que compõem a projetualidade em questão são signos e representações do produto que é esperado, criando a fácil visualização e entendimento de plantas e outros elementos compositivos de projeto. É importante lembrar que o objeto em questão ainda não é um elemento construído e não existe materialmente, sendo apenas algo ideológico na consciência do arquiteto.

É revestida a importância do projeto através deste caráter ideal, pois sem um fácil caminho a ser percorrido no que se diz a interpretação projetual, não há um fácil entendimento para a comunicação entre o arquiteto, cliente e por final ao construtor, pois o mesmo ainda não está consolidado no mundo material. Assim, é de extrema importância que haja no signo uma congruência e concordância convincente na representação do projeto gráfico-arquitetônico, em mente ao observador. Estas etapas de desenvolvimento envolvem um complexo processamento de interpretação e representação desenvolvido na tradicional composição da arquitetura e despertado depois da separação de áreas e etapas na área da construção em métodos de trabalho e especializações.

Segundo Brandão (2001 v.3, p. 216) “fazer projeto significa não aceitar o destino que nos é lançado de modo difuso pelo jogo de forças heterônomas”. Visto isso, a imaginação e desejo do cliente é o signo do desenvolvimento projetual e representação de um produto final.

“Pode-se dizer, então, que o espaço arquitetônico é a espacialização do desejo”
(MALARD, 2006, p. 37).

Segundo Argan (2004 p. 18), a obra não é apenas manual: também a imaginação é uma técnica, é geradora de imagens que povoam o espaço do mundo. Quando o cliente deseja um espaço ou ambiente a ser construído, o mesmo é passado como função posterior ao arquiteto contratado, inicialmente por palavras e conversas formais ou informais, o qual após tomar posse destas

informações tem a função de criar o objeto mental, mas exemplificando-o de maneira a respeitar a projetualidade e executabilidade passível arquitetônica. O arquiteto é o criador e emissor de mensagem, na qual materializa uma certa manifestação qualitativa da mensagem arquitetônica dizia PIGNATARI (2004)

Décio Pignatari (2004) apresenta análises na arquitetura utilizando a semiose, e indica as áreas como sistema de comunicação não verbal, ou seja, aquela que por meio de diferentes signos comunica-se com o observador. Segundo Broadbent (2008) não deve se ler a arquitetura somente pelo sentido visual, porque também afeta os outros em si: audição, o olfato e o tato, conseqüentemente também os sentidos que ele denomina esotéricos.

A gramática especulativa é o estudo de todos os tipos de signos e formas de pensamento que eles possibilitam. A lógica crítica toma como base as diversas espécies de signos e estuda os tipos de inferências, raciocínios ou argumentos que se estruturam através de signos. Esses tipos de argumentos são a abdução, a indução e a dedução. Por fim, tomando como base a validade e força que são próprias de cada tipo de argumento, a metodêutica tem por função analisar os métodos a que cada um dos tipos de raciocínio dá origem. Portanto, a metodêutica estuda os princípios do método científico, o modo como a pesquisa científica deve ser conduzida e como deve ser comunicada. (SANTAELLA, 2007, p. 3-4).

E após esta transferência da idealização para o papel, é necessária a aprovação do cliente e aí então a produção da representação gráfica final, compondo um signo gráfico de fácil interpretação mental e de sensação ao cliente. Que deve estar relacionada ao seu desejo inicial, possibilitando ainda a técnica e ser executável financeiramente de modo executável pelo construtor. Destacando-se como o último passo realizador do projeto proposto. Sendo capaz de respeitar as normas que regem técnicas e especificações, através da viabilidade representada pelos signos visuais presentes em sua composição. São então, obrigatoriamente direcionados como signos e mensagens pelos observadores proponentes e executores.

Dá-se então como partido inicial para a projetualidade gráfica a expressividade de um desejo executável, de acordo com a possível viabilidade de execução.

2.8 A lógica Crítica

Consecutivamente, após a devida finalização gráfica projetual chega-se a denominada lógica crítica, o raciocínio que exige provas e demonstrações das proposições que estão sendo apresentadas ou conhecidas. Não é contemplado como um ato intelectual, mas sim vários atos internamente ligados ou conectados ao intelecto formando um processo de conhecimento. O Raciocínio lógico, com o qual o cliente e o executor irão se dar subsequentemente após a apresentação projetual para a Lógica Crítica de Peirce, se dá pela dedução, indução e abdução.

É importante se levar em conta o fato destes três raciocínios não são um privilegio exclusivo, nem da lógica como disciplina aplicada, muito menos de outras ciências, mas sim, de formas de pensamentos que empregamos de modo cotidiano. São as formas pelas quais o pensamento entra em modo organizacional em qualquer situação e das quais a lógica e os métodos de raciocínio empregados nas ciências que são uma sofisticação, pois representam os casos em que forma e raciocínio são submetidos a disciplina do autocontrole (DRIGO,2007).

Ao ter o projeto em mãos a dedução do observador parte de uma verdade já conhecida (por intuição, seja por uma demonstração anterior ou experiência vivida) e que funciona como um princípio geral ao qual se subordinam todos os casos que serão demonstrados a partir dela. Em outras palavras dedução parte de uma verdade já conhecida para demonstrar que ela se aplica a todos os casos particulares iguais.

Por isso também se diz que a dedução vai do geral ao particular ou do universal ao individual. O seu ponto de partida é através de uma ideia verdadeira ou uma teoria comprovada.

Já a Indução realiza um caminho exatamente contrário ao da dedução, parte-se de casos particulares iguais ou semelhantes e procura-se a lei geral, a definição ou a teoria que explica e subordina todos estes casos. A definição ou a teoria são partes proponentes do aspecto final de análise do observador. E a razão particularmente, também oferece um conjunto de regras precisas para guiar a indução; se estas não forem respeitadas a indução será considerada falsa e o cliente ou executor poderão solicitar uma revisão projetual.

A abdução é mais conhecida popularmente por seu uma espécie de intuição, mas que não se dá de uma só vez, indo de ponto a ponto para chegar em uma conclusão. Então ela se define pela busca de uma conclusão pela interpretação racional de sinais, de indícios, de signos. Peirce

considera a até então intuição como a faculdade do homem de adivinhar os caminhos da natureza e que não se dá por meio de uma lógica crítica e autocontrolada.

Para Peirce, a sugestão abdutiva surge como um lampejo, um ato de insight, embora de um insight extremamente falível. É verdade que os diferentes elementos da hipótese já estavam em nossas mentes antes; mas é a idéia de reunir aquilo que nunca tínhamos sonhado reunir que lampeja a nova sugestão diante de nossa contemplação. O pensamento – o caminhar do desvelar de signos/interpretantes – envolve os três tipos de consciência.

Assim, a abdução ocorre em instantes em que a consciência predomina diluída, porosa, espalhada, ou seja, a consciência imediata é a que predomina. Assim, a idéia aparece como uma adivinhação! A abdução sugere que alguma coisa pode ser, criando, de algum modo intuitivo, um processo que culmina com uma teoria explicativa. Cada um dos itens singulares da teoria científica que estão hoje formados deve-se à abdução.

3. METODOLOGIA

Pesquisa bibliográfica: Feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p, 32).

Método dedutivo: método racionalista, que pressupõe a razão com a única forma de chegar ao conhecimento verdadeiro; utiliza uma cadeia de raciocínio descendente, da análise geral para a particular, até a conclusão; utiliza o silogismo: de duas premissas retira-se uma terceira logicamente decorrente. (GIL, 1994, p, 207).

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Com a realização desta busca por conhecimento é notória a importância da interlocução entre aplicação e representação projetual, junto da aplicação de signos. O fácil entendimento do projeto como um todo, seja ele por cliente ou construtor deve ser um dos princípios compositivos na premissa inicial de seu desenvolvimento.

A semiótica entra como foco direcional para a compreensão do objeto arquitetônico ainda em ponto projetual, para que transmita as sensações e desejos do cliente passados ao projetista. Que tem como objetivo passar as idéias da mente ao papel, com a aprovação do cliente.

Em que ponto a Semiótica se torna importante para o desenvolvimento projetual? A resposta para esta pergunta se resume a um único termo: Totalmente. Um projeto bem resolvido e de fácil execução é aquele que não necessita de um interlocutor para realizar a tradução do mesmo, é aquele que possui um fácil entendimento e executabilidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a conclusão de propor-se algo neste mundo, o estrito dever enquanto arquiteto é situar e propor composições projetuais usando das fontes da semiose, no tocante à comunicação e sua relação com o ser humano, onde deve-se buscar no seu íntimo através da expressão da intervenção ou arquitetura apresentada, de vasta gama de conceitos e experimentações da contemporaneidade desde matérias, tecnologias à formas de experimentação espacial e num caso específico que pode ser quase infinito quando se trata da arquitetura. Tendo a relação com o espaço coletivo, o que se quer dele, o que se quer causar com proposições arquitetônicas de uso coletivo, qual contribuição à interpretação de signos, ou dos sinais, ou mesmo da própria arquitetura com toda sua exuberância da contemporaneidade dará ao meio de inserção, ou ao público destinado e até mesmo na compreensão do papel dos arquitetos na sociedade. A arquitetura projetual, e o seu partido inicial dado pela graficação como complemento, deve seguir além de todas estas formas, o simples ato de ser facilmente interpretável, exalar sensações e memórias para que o cliente e o executor tenham uma indispensável tradução do que está locado no papel.

REFERÊNCIAS

MATOS, LUANA M; SOUZA, RICHARD P; AFONSO, SONIA; GOMEZ, LUIZ S. **Semiótica Peirciana aplicada à leitura da representação arquitetônica, 2010.**

NICOLAU, MARCOS; ABATH, DANIEL; LARANJEIRAS, PABLO; MOSCOSO, TÁRSILA; MARINHO, THIAGO; NICOLAU, VITOR. **Comunicação e semiótica: Visão geral e introdutória à semiótica de Peirce, 2010.**

BRANDÃO, Carlos Antonio Leite. Os modos do discurso da teoria da Arquitetura. *Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis*, Porto Alegre, v.3, n. 3, p. 216, 2001.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. 2ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1995.

DEELY, John. *Semiótica básica*. São Paulo: Ática, 1990.